



O SISTEMA DE PÓS-GRADUAÇÃO NORTE-AMERICANO e a tradição francesa

Silviano Santiago¹

A coleção de ensaios tem por título *Crítica cult* e foi publicada em 2002. A autora é a mineira Eneida Maria de Souza, hoje professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Mais gratificado com a coleção de ensaios será o leitor que se interessa pela história recente da crítica literária no Brasil, tal como estudada e pesquisada, ensinada e escrita – por mestres e por pós-graduandos – nas Faculdades de Letras do país, dos anos 1970 até o fim do século. Terá à sua disposição um vasto e rico panorama dos percalços por que passou a introdução de novas teorias e novas metodologias de leitura na universidade brasileira.

Não se espere que a crítica mineira, doublé de historiadora, fale da perspectiva do pico da Serra do Curral, de onde açambarcaria solitária e olímpicamente o panorama geral dos estudos literários que têm por data inicial os anos 1960, quando o ensino superior brasileiro abandona o modelo universitário francês, de que é exemplo a fundação da Universidade de São Paulo em 1934 e sua incontestável liderança nacional, e assume, em consonância com o disseminação planetária da tradição universitária norte-americana, nova organização para o sistema brasileiro de pós-graduação. Por lei, são instituídos no Brasil os cursos de mestrado e de doutorado.

Como meta final da formação universitária, o ambicionado doutorado *à la française* (em particular o *doctorat d'Université* – objeto de bolsa de estudos

¹ Silviano Santiago é escritor, crítico e ensaísta.

oferecida ainda pelo Governo francês ao estudante brasileiro) perde sua função e razão de ser na nova pós-graduação, e até figuras como Maria Ieda Linhares e Celso Furtado serão criticados em jornal por só o terem. Com forte apoio dos recentes órgãos federais de pesquisa, em particular a CAPES, o PhD anglo-saxão é implantado nas universidades federais e passa a dominar o palco institucional tupiniquim. É entusiasticamente aplaudido pelos jovens economistas em busca tanto de prestígio intelectual diferenciado quanto de liderança política numa sociedade até então governada por bacharéis, médicos, engenheiros, militares e outros.

Vista da perspectiva do novo milênio, a bandeira do PhD é vitoriosa e leva de vencida – no caso específico das Ciências sociais – os antigos egressos da Faculté de Science Politique et Droit. Ela levou a geração de jovens economistas formados nos Estados Unidos da América a conquistar o lugar almejado nas respectivas universidades e no governo da nação.

Modesta e abertamente, Eneida se autoriza do lugar restrito e provinciano das Gerais para desenhar o problemático panorama da crítica literária brasileira posterior a 1960, que se expande para assimilar metodologia interdisciplinar e também para questionar os próprios limites da disciplina Teoria da literatura, trazendo à baila objetos variados que escapam ao campo restrito das *belles lettres*. Ela toma assento no Departamento de Literatura Comparada da sua universidade de origem, departamento criado tardiamente, em 1982, e apenas consolidado em 1985. Eneida assume uma postura recatada para melhor salientar no plano nacional a instituição onde, dando prosseguimento ao trabalho pioneiro e frutífero de Maria Luiza Ramos,² se transforma em aguerrida lutadora a favor dos princípios metodológicos de leitura teórica de todo e qualquer *escrito em linguagem*, que defenderia às vésperas da aposentadoria em *Crítica cult*.

Portanto, os ensaios reunidos no livro oscilam entre assentamento institucional e avanço profissional, entre ação coletiva e pensamento próprio e são

² Em 2008, Maria Luiza fala sobre a introdução da cadeira de Teoria da Literatura no currículo de Letras da UFMG: “Somente quando a Teoria da Literatura entrou para o currículo, em 1961, é que fui chamada para ministrar essa matéria nova, que nem eu nem ninguém tinha cursado em nossa Faculdade”.

obrigatoriamente afirmativos, embora nunca defendam, como se verá, atitudes estreitas ou rancorosas.

Se a ação docente se dá, sobretudo, na universidade mineira, já o pensamento teórico se compraz a rememorar o passado estudantil cosmopolita, de nítida inspiração francesa. Daí advém o sabor agridoce do estilo crítico da historiadora que se movimenta pelo exercício inteligente da memória acadêmica e pelas leituras teóricas sempre atualizadas. Seus ensaios avançam no tempo e no espaço sem abandonar o lastro (o “perfume”, diz Lévi-Strauss), como se a historiadora fosse baloeiro privilegiado que, para ganhar os ares, não precisa atirar lá de cima os sacos de areia que atravancam e freiam a ascensão. Essa oscilação reflete a têmpera da atividade historiográfica e do pensamento crítico de Eneida. Eles se acomodam: são generosos e acolhedores. Eles avançam: são seletivos e judicativos. Aponte-se para esta observação de Eneida, em que se casam os quatro adjetivos escolhidos por nós:

Não se trata, tampouco, de transformar o debate em discussão partidária, em que o binarismo funcione como argumento de exclusão, colocando a teoria contra os estudos culturais, ou contra a ausência de teoria, a alta literatura contra as demais manifestações paraliterárias, o elitismo contra o populismo, e assim por diante. A defesa de uma teoria que poderia se impor como única e exclusiva não se sustenta mais no atual espaço acadêmico, pela natureza plural das tendências críticas.

127

Para quem teve o privilégio de conviver com Eneida é um prazer perceber como ela sedimenta muitas das suas observações críticas na forma de lembrança disfarçada dos bancos escolares da PUC-RJ, onde, sob a batuta de Luiz Costa Lima, defende tese de mestrado sobre o romancista Autran Dourado,³ e da Universidade de Paris, onde se doutora no *troisième cycle* com trabalho sobre Mário de Andrade, orientado por Julia Kristeva e Dionísio Toledo. Atente-se para o fato de que Eneida não entra pela porta narcísica do sentimentalismo, pois seus

³ Na coleção de ensaios, destaque para “Saudades de Lévi-Strauss”. Uma leitura delicada do mestre francês e da discípula brasileira, mostraria como as *narrativas rememorativas* de *Crítica cult* se assemelham às fotos publicadas por Lévi-Strauss em *Saudades do Brasil*. Leia-se nestas palavras de Lévi-Strauss a conjunção de um livro e do outro: como se as fotos (e as narrativas rememorativas) “pudessem oferecer substância a um público, não apenas porque ele não esteve lá e deve contentar-se com esse mudo comércio de imagens, mas sobretudo porque tudo isso, revisto no local, se mostraria irreconhecível e até mesmo, sob muitos aspectos, simplesmente [porque] não existe mais”.

estudos em psicanálise lhe dão o alerta: “A transformação do objeto pela linguagem permite o afastamento do indivíduo em relação à sua vivência e a autonomia diante da realidade”.

Torna-se pelo menos inquietante assinalar que, apesar de ser produto dos tempos americanizados da pós-graduação brasileira, a formação intelectual de Eneida é totalmente *à la française* e se dá inicialmente numa universidade carioca, tida como gaulesa por José Guilherme Merquior, e continua na própria sede metropolitana, Paris, que então já tinha instituído o “troisième cycle”, transformação operada no sistema francês de pós-graduação pós-1968, semelhante à sofrida no Brasil na década anterior. Do ponto de vista estreito da sua bibliografia teórica, isto é, das primeiras e das principais leituras, Eneida entra em choque com a americanização do sistema de pós-graduação brasileiro, embora dele se beneficie do ponto de vista meramente profissional, pois não teve de passar pelas restrições autoritárias que o antigo sistema de “cátedra” impunha ao graduando que procurava ter a docência universitária como profissão. Ela não é a única a passar pelo choque entre sistema de ensino norte-americano e formação francesa, entre o posto de titular e o de catedrático.

Restringindo ao campo das Ciências humanas e destacando a disciplina de Letras, diremos que Eneida representa uma das mais salientes contradições encontrada na implantação no Ocidente, a partir dos anos 1960, da sistemática universitária norte-americana. A própria nação ao norte vive internamente a inesperada contradição que Eneida vive na formação e docência periférica. Se é verdade que o projeto de pós-graduação norte-americano tenha sido exportado para o restante do mundo, também é verdade que os diversos departamentos reunidos sob a tutela do decanato de *Arts & Letters* são tomados pelo surgimento de uma devastadora geração de intelectuais parisienses, conhecidos como estruturalistas e pós-estruturalistas, de que faz parte evidentemente Julia Kristeva.

Inicialmente na Universidade de Johns Hopkins e posteriormente nas universidades de Yale, Buffalo e Cornell,⁴ o pensamento francês pré-1968 e

⁴ Editado por Richard Macksey e Eugenio Donato, *Structuralist controversy* (atas do congresso internacional realizado em 1966 na Universidade Johns Hopkins) é dado como marco inicial da revitalização *à la française* dos estudos na área das ciências humanas nas universidades norte-americanas. Vinte anos depois, longo artigo na revista do *New York Times*, dá conta da “Tyranny of the Yale critics”. É possível consultá-lo: <http://www.nytimes.com/1986/02/09/magazine/the->

posterior se impõe como ferramenta teórica indispensável na formação dos pós-graduandos norte-americanos e, por extensão, do Ocidente americanizado.

Acentuo os pontos comuns que levam à universalidade do projeto porque se evita repetir alguns lugares-comuns centrados em antigas observações de José Guilherme Merquior,⁵ o crítico mais azedo da atualização universitária brasileira pela pesquisa orientada pela linguística e a semiologia, arauto à época de certo dogmatismo (obviamente equivocado) que os professores brasileiros depreendiam dos complexos e diversificados ensinamentos oferecidos pela Escola de Frankfurt. A lição germânica (não se questiona o alto valor da contribuição daquela escola) se transformava em dogma e virava entre nós mera, mas não desprezível, bandeira política. Era pela malícia superficial que a maioria dos detratores da nova pós-graduação desabonava a ruptura com o passado recente, operada pelo caminhar seguro e tranquilo dos estudos afrancesados. Confundiam a pesquisa-em-linguagem com o pior do presente ditatorial brasileiro.⁶ Merquior acusava os departamentos de Letras – afinados então com o primeiro estruturalismo – de empobrecimento intelectual quando, na verdade, procuravam uma sintonia universal com tudo o que a cena parisiense proporcionava aos pesquisadores na área da Linguagem, revitalizada naquele momento pela leitura de Ferdinand de Saussure, de Roman Jakobson e dos formalistas russos.

129

Esqueceu Merquior de ler a página da edição em português dos *Elementos de Semiologia* (1971) em que Roland Barthes se dirige “ao leitor brasileiro”: “sendo precisamente a linguagem que questiona continuamente a linguagem, a Semiologia honra, por natureza, as duas tarefas que Brecht assinalava ao intelectual neste período da *História*: liquidar (as antigas ideologias) e teorizar (o

tyranny-of-the-yale-critics.html?module=Search&mabReward=relbias%3Aw%2C%7B%22%22%3A%22RI%3A15%22%7D. Cito: “The term ‘Yale School,’ however, refers not to Marxism or feminism (which have their champions at Yale) but mainly to the ‘post-structuralist’ philosophic species known as deconstruction. ‘Post-structuralism’ is a term that lumps together various French and other thinkers who write as though they want to overthrow oppressive philosophic structures by subverting language”.

⁵ V. uma primeira menção ao crítico carioca às páginas 17/18 de *Critica cult*.

⁶ Refiro-me evidentemente à coincidência cronológica entre o golpe militar de 1964 e a implantação do novo sistema de pós-graduação.

novo saber, o novo agente, a nova relação social)”. Liquidar e teorizar. Continua Barthes: “qualquer que seja a exigência científica de que se deva investir a pesquisa semiológica, essa pesquisa tem imediatamente, no mundo tal como é, uma responsabilidade humana, histórica, filosófica, política”.

Aliás, no ensaio “A teoria em crise”, Eneida endossa as observações que reuni nos últimos parágrafos: “A herança francesa não deixa, portanto, de ser um dos grandes trunfos que a teoria literária carrega, considerando-se que será a partir da sua divulgação que se tornou possível construir um pensamento teórico nos centros mais diversificados do mundo”.

Os caminhos cruzados pela pesquisa em linguagem (que questiona a linguagem) estão no fundamento da proposta “plural” de história da crítica literária assumida por Eneida, em particular no ensaio “O espaço nômade do saber”. Adota uma atitude semelhante à do moderno *metteur-en-scène* de teatro ou de cinema, interessado menos em seguir ao pé da letra os textos autorais para melhor salientar, pelos passos contrastantes dados no palco da escrita ensaística, os conflitos dramáticos oriundos das opções pelos seus leitores/pesquisadores dos autores de prestígio. Ou seja, Eneida observa que – quando se acentua o papel da pesquisa (e não é outra a finalidade da nova pós-graduação) na aquisição do saber – o desenvolvimento das linhas de trabalho por mestres e por alunos caminha mais pela *divergência* do que para a *convergência* forçada pelo sentimento, de que seria bom exemplo o coleguismo a qualquer preço.

Nesse sentido há que contrapor a metáfora do *metteur-en-scène* moderno, sempre em busca da autonomia do gesto e da fala de leitor, à do maestro tradicional, que insiste em recorrer às partituras autorais para buscar a coesão musical que poderia ser desorientada pela diversidade de músicos e de instrumentos. Eneida é uma historiadora que não gosta de honrar as partituras autorais a que, no entanto, vai sendo constantemente submetida pela leitura beneditina e silenciosa. Escreve Eneida, reivindicando o lugar de assento nas Gerais:

A natureza descentrada do espírito mineiro, contrária aos estereótipos criados em torno dele, *por se manter em permanente trânsito* [grifo meu], possibilita a convivência salutar com várias vertentes teóricas e metodológicas, reveladoras de uma formação acadêmica que nega a endogenia, assumindo uma perspectiva pluralista e aberta às diferenças.

Vale dizer que Eneida, em lugar de forçar a busca de coesão entre os profissionais envolvidos pela transformação teórica e metodológica, salienta a diferença entre eles, diferença que instaura o significado nômade de uma disciplina que, ao se informar e se desenvolver, abre caminhos que se conformam ou se distanciam pela leitura/escrita constante e o inevitável debate. A historiadora trabalha, pois, com etapas que se sucedem por efeito de ruptura, como fica claro desde o ensaio “Os livros de cabeceira da crítica”.

Não é gratuita, portanto, a escolha do “IV Encontro Nacional de Professores de Literatura” (PUC-RJ, 1977) para o exercício da crítica rememorativa. Naquele simpósio se quis, poucos anos depois da implantação da nova pós-graduação, fazer o primeiro balanço do passado universitário brasileiro em contraste com a década anterior, fortalecendo-o com a presença concreta dos mestres/orientadores e dos jovens *autores* das dissertações de mestrado e das teses de doutorado defendidas nas universidades brasileiras que desenvolviam bons estudos em pós-graduação. Já se contava então com o financiamento dos órgãos federais de apoio à pesquisa (CNPq e CAPES).

O ensaio citado se situa no tempo e no local em que se comparam diferentes tendências. Tempo e local que, por seu turno, servem à historiadora para expor, a partir das falas diversificadas, os conflitos que ganham rosto e vida. Cito: “No acirrado debate aí desenvolvido, pôde-se avaliar as múltiplas vertentes da crítica literária como resultado da atividade universitária [...]”.

Mas a surpresa maior para os participantes do evento vem expressa pelo lado de fora (extramuros) do campus universitário. Como a imprensa carioca acolhe o evento acadêmico? Eneida privilegia *O Jornal do Brasil*, então o órgão mais sintonizado com a cultura, e a jornalista Norma Couri, que relata a atualidade mesclando a informação com a ironia de excluída.⁷ O título do longo artigo de Norma, que corre pelo recinto acadêmico, diz tudo – “Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (quem as entende?)” – e assinala a condição discriminatória da nova pesquisa em Letras numa terra em que a produção cultural nacional e estrangeira ainda era entendida – como continuou a ser até os nossos dias – como mero *entretenimento*, com destaque inicial para o cinema e, posteriormente, para a

⁷ A exclusão da imprensa no debate literário já vinha sendo anunciada pelo fechamento sucessivo dos suplementos literários e a criação do chamado segundo caderno ou caderno 2.

MPB e para a proliferação de museus. Remeto o leitor ao choque de discursos em pauta, que Eneida analisa circunstancialmente.

Da literatura e de um escritor atento à história da literatura e à carpintaria do romance, Autran Dourado, é que vem o apoio de fora para dentro da cidadela acadêmica (intramuros). Disse ele e o cito através do ensaio de Eneida: “Ora, ora, a discussão do fazer literário deslocou-se da imprensa para as universidades e não vejo porque reclamam tanto da linguagem preciosa ou hermética. Não pode ser de outro jeito, são análises que, tanto quanto as médicas, se pretendem científicas”.

No caso dos ensaios de Eneida, cujo significado amplo se quer apreender, é menos importante destacar e retomar o repúdio extramuros, expresso pela matéria jornalística, do que a atividades que os pesquisadores levam a cabo intramuros; é mais importante assinalar como pouco a pouco a crítica literária apreende o rechaço extramuros e com ele aprende a nomear e a estudar outros objetos (culturais) que não se confundem *strictu sensu* com as *belles lettres*. Nesse sentido, há que salientar, isto sim, dois efeitos importantes de expansão da Teoria literária, um interno a ela e o outro, externo ao mundo das Letras. Em ambos os casos o ponto em comum é que a expansão se dá com vistas a produções de ordem cultural que podem e devem ser tomadas no sentido geral de *texto* (a ser lido, a ser interpretado), já que se valem – como a literatura e as artes – da *linguagem* tanto no sentido fonético quanto no sentido amplo, semiológico.

Se levado em conta apenas o efeito interno de expansão das fronteiras, observa-se que os pesquisadores em literatura sentem a exaustão do objeto propriamente literário, ficção e poesia como monumentos, para se interessarem por textos afins e tidos como menores e até então não apreendidos e analisados corajosamente pelo instrumental que sustenta a nova crítica literária. Eneida classifica os outros objetos com propriedade, caracterizando-os como responsáveis pela “produção de um conhecimento não monumental”.⁸ Podem ser manuscritos, correspondência entre autores, relatos autobiográficos e biográficos, narrativas de viagem, ou todo e qualquer texto que faz parte integrante da História nacional, etc. Por sua vez, esses textos *menores* (“paraliterários”, no dizer de Eneida) não só podem como devem ser mesclados à produção propriamente monumental, enriquecendo sua leitura. Aliás, estarão na base de novas atividades

⁸ Ler ensaios como “O não-lugar da literatura”, “Nostalgias do cânone”, etc.

acadêmicas, como o estabelecimento de edições críticas das obras literárias canônicas.

Onde o avanço no alargamento das fronteiras se faz mais sentir é no efeito *externo* às *belles lettres*. A crítica literária passa a ter como amparo e justificativa para a liberação do jugo elitista (natural à produção literária em países que se distanciam mais e mais das *belles lettres* para nortear a produção artística pelo mercado) a chamada crítica cultural. Os novos objetos, como a canção pop, o samba ou o bolero, ou como o filme, o espetáculo de teatro ou a manifestação pública, ou como a cidade de São Paulo ou de Brasília, estão sempre aos nossos olhos, mas não os vemos pelo que expressam como fenômeno de linguagem – porque ainda não sabíamos como lê-los. Agora, tínhamos as ferramentas necessárias para lê-los como linguagem. Haveria que começar a usá-las.

No ensaio “Jeitos de Brasil”, a dedicatória pode ser esclarecedora da cegueira da Teoria literária: “Aos meus alunos de Graduação de 1994, que me ensinaram a ver outros jeitos de Caetano [Veloso]”. A teoria desenvolvida por Eneida não é apenas professoral, é atenta ao universo cultural dos jovens e com eles aprende a enxergar melhor e, principalmente, a utilizar melhor as ferramentas de que dispõe. Enfurnadas no armário do mestre, elas logo se enferrujariam. No texto do ensaio Eneida nos informa: “Em decorrência da abertura verificada nos estudos semiológicos e culturais, respectivamente a partir dos anos 1960 e 1980, a hegemonia da abordagem literária – voltada para a exclusividade de textos representativos da literatura – começa a ceder terreno para o caráter interdisciplinar e pluralista das manifestações artísticas”.⁹

Retomamos a Minas Gerais para inscrever o parágrafo final desta leitura de *Crítica cult*. Mesmo se os ensaios tomam assento num departamento de Letras provinciano, o escopo da historiadora não se desgruda da formação cosmopolita que está na base da sua capacitação profissional. Termino por salientar um gesto de amizade entre a Teoria literária e a Literatura comparada, gesto que Eneida ratifica a todo o momento da sua escrita, não a deixando escapar-se pelas frestas seja do universalismo eurocêntrico, seja do ufanismo que – já Oswald de Andrade nos alertava – nada mais era que “macumba pra turista”.

⁹ Ler também os ensaios “Paisagens pós-utópicas” e “Nem samba nem rumba”.

Essa aliança torna a coleção de ensaios mais do que indispensável ao relembrar, desde o parágrafo de abertura do ensaio “O espaço nômade do saber”, as palavras sábias de Antonio Candido no discurso inaugural do 1º Congresso da Abralic, realizado em Porto Alegre. Nelas recorda outras que tinha dito há quarenta anos, quando afirmara que estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada. Transcrevo o comentário de Eneida:

O ensaísta [Antonio Candido] reforça a existência de uma vocação comparativista espontânea e informal, coextensiva à atividade crítica no Brasil, levando-se em conta a necessidade de se pensar nacionalmente a literatura pelo viés – e apesar – do olhar estrangeiro. Torna-se importante valorizar essas primeiras reflexões sobre a literatura comparada no País para se perceber o avanço atingido nos dias atuais.

